

The care crisis: what caused it and how can we end it?, de Emma Dowling

*Georgia Paula Martins Faust¹

DOWLING, Emma. *The Care Crisis: What Caused It and How Can We End It?*. London: Verso, 2021. 272p.

Emma Dowling, socióloga e professora na Universidade de Viena, tem se destacado por suas análises sobre economia política, feminismos e neoliberalismo, articulando crítica teórica e engajamento político para discutir como austeridade e financeirização corroem as bases do cuidado como prática social. Em *The Care Crisis* (Dowling, 2021), ela investiga as raízes estruturais da crise do cuidado, articulando teoria feminista e economia política para mostrar como o trabalho reprodutivo e de cuidado, central à vida, é precarizado pelo mercado.

Em *The Care Crisis: What Caused It and How Can We End It?*, Dowling estrutura sua análise em seis capítulos e uma conclusão, articulando teoria feminista, economia política e dados empíricos para compreender as raízes e os desdobramentos da crise do cuidado em contextos neoliberais. No primeiro capítulo, Dowling problematiza o conceito de cuidado, destacando suas dimensões afetivas e sua centralidade na reprodução da vida. Em seguida, analisa como o custo da crise é socializado enquanto lucros são privatizados, aprofundando desigualdades de gênero e raça. O livro avança discutindo quem realiza o trabalho de cuidado e em que condições, destacando a sobrecarga das mulheres, especialmente negras, migrantes e de classes populares. No quarto capítulo, Dowling explora como políticas de austeridade, financeirização e retração do Estado criam uma ‘tempestade perfeita’ para o colapso do cuidado, enquanto o quinto capítulo analisa como o sistema financeiro lucra com populações abandonadas. No sexto capítulo, a autora discute o discurso do autocuidado como resposta individualizada à crise, apontando suas contradições. Na conclusão, Dowling propõe caminhos para escapar da ‘armadilha do cuidado’, defendendo políticas públicas, coletivização e reconhecimento do cuidado como um bem comum essencial para sociedades justas e sustentáveis.

A autora expõe a ilusão das promessas de flexibilidade no trabalho, mostrando que a crise do cuidado é intensificada pela mercantilização, que gera desigualdade no acesso ao cuidado. Em 2015, segundo a autora, 2,1 bilhões de pessoas necessitavam de cuidados, número crescente, sendo majoritariamente crianças e idosos. Ela critica a

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC, Florianópolis, SC, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5622-7413>.

ideia de cuidado como mero sentimento individual, apontando suas raízes em desigualdades econômicas e de poder e denunciando sua privatização como responsabilidade individual.

Segundo Dowling (2021), a entrada das mulheres no mercado de trabalho ocorreu sem alterações significativas na divisão sexual do trabalho, resultando em jornadas múltiplas. No entanto, como Davis (1981) já alertava, mulheres negras e pobres sempre trabalharam fora de casa, conciliando trabalho remunerado com responsabilidades domésticas e comunitárias, realidade também evidenciada por Secombe (1993) em estudos históricos sobre a classe trabalhadora. Mais recentemente, Bhattacharya (2017) reforça que a perspectiva de ‘entrada das mulheres no mercado’ frequentemente reflete a experiência das mulheres brancas de classe média, invisibilizando a presença histórica de mulheres racializadas e pobres no trabalho assalariado, muitas vezes em condições precárias e ligadas ao cuidado de outras famílias.

Políticas de austeridade intensificam a dependência de redes informais de cuidado, enquanto globalização e financeirização reduzem o interesse do capital na reprodução da força de trabalho. Nesse processo, não ocorre o deslocamento de produção, mas a migração de mulheres do Sul Global para exercer cuidados nos países centrais, conectando-se ao conceito de ‘cadeias globais de cuidado’ (Hochschild, 2000). Essa migração sustenta o bem-estar nos países receptores enquanto transfere responsabilidades a redes femininas nos países de origem (Bryceson, 2022), em contexto de precarização e racismo estrutural, evidenciando o cuidado como trabalho transnacional invisibilizado (UM Women, 2020). Dowling relembra que mulheres dedicam 3,3 vezes mais tempo ao cuidado não remunerado que os homens, o que representaria 9% do PIB global se pago, destacando as desigualdades de gênero estruturais nesse campo. Nadasen (2023) complementa essa análise ao ressaltar que o cuidado se estrutura de forma racializada, relegando a mulheres negras e imigrantes os trabalhos mais precários, enquanto mulheres brancas tendem a ocupar funções mais valorizadas, revelando como o cuidado se estrutura nas hierarquias globais de gênero e na lógica extrativista do capitalismo contemporâneo.

Nas teorias acadêmicas, o cuidado é central para manter e reparar a vida, mas gera conflitos emocionais e revela nossa interdependência. Folbre (1994) denomina ‘*care penalty*’ as perdas de renda associadas ao trabalho de cuidado, enquanto Barca (2024) amplia a dimensão do cuidado invisível, apontando que 45% das horas de trabalho no mundo são dedicadas a cuidado não remunerado, principalmente por mulheres e meninas. Dowling relembra que o cuidado historicamente foi associado ao trabalho doméstico feminino na família fordista-keynesiana, sendo co-constitutivo com a produção no capitalismo. Essa perspectiva é complementada por Nadasen (2023) quando afirma que o uso do conceito de ‘reprodução social’ evidencia o cuidado como inserido na acumulação capitalista, superando a visão restrita ao afeto feminino.

A autora argumenta que, em meio a um sistema que gera precariedade, o cuidado é transferido ao indivíduo, criando sobrecarga, especialmente para as mulheres. Dowling pontua que o discurso de ‘cuidado comunitário’ legitima cortes e transfere responsabilidades para famílias e voluntários, e que práticas coletivas, como os ‘movimentos autorreprodutivos’ descritos por Federici (2022), buscam desmercantilizar o cuidado via solidariedade.

Dowling alerta que populações abandonadas pela austeridade são reconfiguradas como ‘custos a serem geridos’ por instrumentos financeiros, enquanto o autocuidado emerge como solução individualizada para a crise do cuidado. Nesse cenário, o discurso do ‘bem-estar’ se torna hegemônico, promovendo o cuidado de si como investimento pessoal em um mercado de produtos e serviços, deslocando responsabilidades estruturais para o indivíduo. Práticas como ‘*clean eating*’ e a busca por um ‘corpo confiável’ refletem a tentativa de estabilidade em um mundo caótico, enquanto o consumo de soluções de mercado substitui a luta por mudanças estruturais. Dowling questiona por que problemas como alcoolismo e *burnout* não são discutidos em sua dimensão social, enquanto se oferece uma ‘democracia de mercado’ baseada no consumo.

Ela mostra como o neoliberalismo associa a autorrealização à produtividade, exigindo flexibilidade e autossuficiência, ao mesmo tempo que estigmatiza quem depende de assistência. O autocuidado, embora necessário, surge como resposta ao esgotamento gerado pelas pressões de produtividade e dissolução das fronteiras entre trabalho e vida. Dowling argumenta que o autocuidado deve estar ancorado em condições estruturais, sem substituir políticas públicas, podendo articular redes de apoio que enfrentem desigualdades. Em contextos de violência e desvalorização, cuidar de si pode ser ato de resistência, mas sua efetividade depende de condições sociais e econômicas adequadas.

A autora defende a ampliação de cuidados públicos e reformas tributárias para financiar serviços essenciais, enfrentando a evasão fiscal. Retomando debates feministas, apresenta três demandas: reconhecer o trabalho reprodutivo no PIB; investir em infraestrutura de cuidado; e remunerar direta ou indiretamente esse trabalho, através de pensões, subsídios, licenças e renda básica, aliviando a sobrecarga sobre as mulheres.

Dowling argumenta que cuidar de quem não pode cuidar de si deve ser responsabilidade coletiva, introduzindo o conceito de ‘*commons*’ como recurso de acesso universal e gestão participativa. Retoma autores que apontam a falta de participação no Estado de bem-estar, e Tronto (2013), que defende uma ‘democracia cuidadora’ centrada na responsabilidade coletiva pelo cuidado. Dowling menciona os movimentos de remunicipalização, que devolvem serviços ao controle público municipal, e as ‘parcerias público-*commons*’ como alternativas democráticas às PPPs. Ela propõe a coletivização do cuidado por políticas públicas e redes comunitárias. Barca (2024) amplia essa perspectiva ao integrar o cuidado – como *earthcare* – às transições ecológicas, conectando saúde, alimentação e energia limpa a lutas feministas e camponesas, superando o produtivismo que marca o neoliberalismo e propostas progressistas limitadas.

A força do livro de Dowling está na articulação entre crítica feminista, economia política e teorias do cuidado, oferecendo um panorama acessível, porém profundo, sobre as raízes estruturais da crise do cuidado e possíveis caminhos de transformação. Suas análises sobre financeirização, mercantilização e responsabilização individual iluminam as contradições do neoliberalismo, enquanto suas propostas de coletivização do cuidado se destacam como horizontes de ação concreta. Contudo, a obra poderia aprofundar a dimensão racial e colonial das cadeias globais de cuidado e suas implicações geopolíticas, assim como articular mais explicitamente o cuidado às transições ecológicas, temas abordados por Nadasen (2023) e Barca (2024).

Pesquisas futuras podem avançar conectando as propostas de Dowling às experimentações concretas de cuidado comunitário e a lutas por justiça climática, construindo pontes entre feminismo, ecologia e economia solidária na prática do cuidado como bem comum.

Referências

- BARCA, Stefania. *Workers of the earth: labour, ecology and reproduction in the age of climate change*. London; Las Vegas: Pluto Press, 2024.
- BHATTACHARYA, Tithi. Introduction: mapping social reproduction theory. In: BHATTACHARYA, Tithi. *Social reproduction theory: remapping class, recentring oppression*. London: Pluto Press, 2017. p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1vz494j.5>.
- BRYCESON, Deborah Fahy. Transnational families and neo-liberal globalisation: past, present and future. *Nordic Journal of Migration Research*, Warsaw, v. 12, n. 2, p. 120-138, 2022.
- DAVIS, Angela Y. *Woman race & class*. New York: Random House, 1981.
- DOWLING, Emma. *The care crisis: what caused it and how can we end it?* London: Verso, 2021.
- FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.
- FOLBRE, Nancy. *Who pays for the kids? Gender and the structures of constraint*. New York: Routledge, 1994.
- HOCHSCHILD, Arlie Russel. Global care chains and emotional surplus value. In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (ed.). *Global capitalism*. New York: The New Press, 2000. p. 130-146.
- NADASEN, Premilla. *Care: the highest stage of capitalism*. Chicago: Haymarket Books, 2023.
- SECCOMBE, Wally. *Weathering the storm: working-class families from the Industrial Revolution to the fertility decline*. London; New York: Verso, 1993.
- TRONTO, Joan C. *Caring democracy: markets, equality, and justice*. New York: New York University Press, 2013.
- UN Women. Women migrant workers and remittances (Policy Brief N. 3). New York: UN Women, 2020.

*Minicurriculo da Autora:

Georgia Paula Martins Faust. Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (2020). Doutoranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 88887.156149/2025-00). E-mail: geo.faust@gmail.com.

Avaliadora 1: Barbara Ferrari Brandi 
Editora de Seção: Lina Penati Ferreira 

Declaração de Disponibilidade de Dados

Nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.